

LYOTARD E O FIM DAS METANARRATIVAS: A crônica literária em questão

Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira*

RESUMO

A cultura pós-moderna se situa no esfacelamento dos discursos tradicionais que ao longo do século XX nortearam diferentes instituições. Para entender onde chegamos é preciso traçar um percurso histórico a partir do surgimento das ideias modernas constituídas em René Descartes, baseadas nos ideais libertários da Revolução Francesa e princípios racionais iluministas. Este artigo discute a crônica literária no contexto pós-moderno. Através de Eric Hobsbawm contextualizamos os acontecimentos político-econômicos que marcaram o século XX, resultantes do pensamento e atitudes do homem moderno. Anthony Giddens defende que não nos deslocamos para além da modernidade e vivemos uma fase de radicalização do período. No entanto, há controvérsias. Para Linda Hutcheon, os efeitos da sociedade globalizada e da sociedade do consumo são características notórias de uma ruptura, logo, o pós-moderno é resultante da fragmentação do mundo ocidental em virtude da cultura pluralista atualmente, marcado pelo cibernético, informático e informacional. O pensamento pós-moderno é apresentado também em Jean-François Lyotard, mediante a incredulidade nos metarrelatos e época de incertezas. Partimos da hipótese de que a crônica literária se encaixa neste cenário fugaz e imediato condicionado ao homem pós-moderno. Esperamos compreender, assim, as peculiaridades conferidas a este gênero e suas relações com o contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Pós-Moderno. Narrativas. Crônica Literária.

ABSTRACT

The post-modern culture situates in the disintegration of traditional discourses that, throughout the 20th century, guided different institutions. To understand where we arrive, it is necessary to trace a historical course from the appearance of the modern ideas constituted in René Descartes, based in the libertarian ideals of the French Revolution and illuminist rational principles. This article discusses the literary chronicle in the post-modern context. Through Eric Hobsbawm, we contextualize the politic-economic happenings that marked the 20th century, as results of the thinking and acting of the modern man. Anthony Giddens defends that we do not displace beyond modernity and live a moment of radicalization of the period. However, there are controversies. For Linda Hutcheon, the effects of the globalized society and the consumer society are notorious characteristics of a rupture, therefore, the post-modernism is resultant from the fragmentation of the western world due to the pluralist culture characterized by the cybernetic,

*Mestranda em Letras Literatura. Graduação em Letras Português. Universidade Federal de Sergipe. carolalexandria@yahoo.com.br

informatics and informational. The post-modern thinking is also presented in Jean-François Lyotard, by the unbelief in metanarratives and uncertain times. We start from the hypothesis that the literary chronicle fits this ephemeral and immediate scenario, conditioned to the post-modern man. We hope to understand, thus, the peculiarities of this genre and its relations with the contemporary context.

Keywords: Pos-modern. Narratives. Literary cronic.

1 INTRODUÇÃO

Embora o pós-modernismo (século XXI) seja caracterizado pela incredulidade nos metarrelatos, ou seja, uma espécie de desencanto nos discursos institucionais produzidos ao longo do século XX que escreveu a História da sociedade ocidental nos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, há de se considerar que ainda perduram alguns debates sobre o fim da modernidade quanto sua consolidação, superação ou continuidade. Para Giddens (1991), por exemplo, ainda estamos na modernidade ainda que tardia. Na verdade, o que Hutcheon (1991) chama de pós-moderno Anthony Giddens intitula ‘sociedade pós-industrial’. Para este, vivemos as consequências da modernidade, não havendo nada além disso. Entre confrontos sobre a definição de qual cultura estamos, o certo é que há esfacelamento nos discursos tradicionais. Contribuiu para tais transformações os avanços nos meios de comunicação que nos colocam presentes em vários lugares ao mesmo tempo. Tempo e espaço se fundem. O tempo cronológico não define a medida de todas as coisas.

Este artigo tem por objetivo repensar a crônica literária como gênero textual representativo na pós-modernidade. Fundamentamos nossa discussão em Jean-François Lyotard (2013) a fim de compreender o fim dos metadiscursos na sociedade dita pós-moderna. Através de Linda Hutcheon (1991) contextualizamos as características e a temporalidade deste conceito atual. Situamos a cultura pós-moderna mediante descrença nos discursos modernos e fragilidade dos pressupostos filosóficos metafísicos. A época das incertezas modifica o homem. Abre espaço aos grupos marginais, à pluralidade cultural e identidades. Em Benedito Nunes (2000) analisamos a relação simultânea entre tempo e espaço a fim de compreender o perfil conferido ao Homem do século XXI diante das narrativas. Nesta perspectiva, partimos da hipótese de que a crônica literária se encaixa neste cenário fugaz e imediato condicionado ao Homem pós-moderno. Esperamos compreender, assim, as peculiaridades conferidas a este gênero textual e suas relações com o contexto vigente.

2 DA MODERNIDADE A PÓS-MODERNIDADE

René Descartes demarca o pensamento moderno a partir do século XVIII com o reconhecimento das ideias Iluministas e do sujeito dotado das capacidades de razão. O ‘nascimento’ do sujeito moderno se define mediante a dúvida e o ceticismo metafísico, quando coloca Deus em xeque e, assim, o sujeito individual se percebe capaz de raciocinar e pensar. Dito de modo geral, a acepção ‘*Penso, logo existo*’ reconhece o sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento. Dessa forma, tanto o Humanismo Renascentista quanto o Iluminismo representam uma ruptura importante com o passado, ativando o sistema social da modernidade (HALL, 2006). A implantação do regime capitalista também é considerada como marco fundacional do pensamento da sociedade moderna. A força transformadora principal que modela o mundo moderno é o capital.

No livro *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*, o historiador Eric Hobsbawm (1995) registra distintos acontecimentos políticos, econômicos, culturais, religiosos, ambientais – resultados do pensamento e atitudes do homem moderno – massacres e guerras que repercutiram ao longo do século XX, considerado o período mais violento e sangrento da história humana.

O primeiro momento foi marcado por quarenta anos de guerra mundial, crises econômicas, revoluções, guerras étnicas e separatistas, da precariedade dos sistemas políticos transnacionais. O segundo momento, pelos anos dourados das décadas de 1950 e 1960, relativamente pacífico, registrou os movimentos de reação à contracultura norte-americana que impunha padrões de comportamentos e consumo aos países latino-americanos, principalmente. A década de 1970 viveu o auge da ditadura militar, silenciando aqueles que ameaçavam viver contra o sistema, cassou direitos civis e a criatividade cultural. Desse modo, a história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências, tornando-se instável, caindo em crise. A década de 1980 foi de severa depressão. Além disso, a perda da crença no progresso da ciência é um dos fatores que fundamentam a dissolução de narrativas da história. A ciência que tanto avançou em pesquisas foi a mesma que contribuiu para o massacre da humanidade, por exemplo, na elaboração da bomba atômica e armamento nuclear (HOBSBAWM, 1995).

A década de 1990 chega ao fim mergulhada em crises econômicas, desemprego em massa e depressões cíclicas severas. Nas relações sociais se percebeu a quebra dos elos entre as gerações, dissolução dos modelos tradicionais, esfacelamento dos discursos institucionais, desintegração

dos velhos laços sociais, vozes marginais (mulheres, negros, índios, homossexuais, nacionalidades subdesenvolvidas após anos de repressão) lutando pela incursão político-ideológica de sua pluralidade cultural (HOBSBAWM, 1995). A Cultura antes padrão racha-se e ganham espaço as ‘culturas’, no plural, e, da diversidade surgem as múltiplas identidades. Cenário que dá margem ao surgimento das ideias pós-modernas, ou seja, quando a humanidade vê cair por terra os ideais construídos ao longo do século XX.

O final dos anos 1990 chega ao fim com um olhar para a escuridão. As ilusões modernas perderam sentido. No entanto, há quem defenda a não existência do pós-moderno, mas a modernidade tardia. Para Giddens (1991), ao invés de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes, havendo descontinuidade e rupturas no desenvolvimento social moderno. Embora tenha havido cisão nos modos de vida produzidos pela modernidade, o tradicional e o moderno ainda caminham juntos, ainda que passado e presente se digladiem.

Os resultados da modernidade nos mostram que continuamos na ordem capitalista no qual salário é a mercadoria de troca. Neste contexto, tempo e espaço se diluem. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo, fomentando relações entre outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Segundo Giddens, nós não nos deslocamos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização. Assim, não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns pouco relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas. Giddens percebe o pós-modernismo como um período de transição, referindo-se estritamente aos estilos ou movimentos no interior da literatura, artes plásticas e arquitetura que conduz a um novo e diferente tipo de ordem social (GIDDENS, 1991).

No mundo capitalista, a sociedade moderna é mediada pela informação, pela informatização, pelos meios de comunicação de massa que possibilitam que vivamos em ‘Aldeia Global’, comportamento vislumbrado por Marshall McLuhan. O homem individual vive relações sociais virtuais. Os espaços físicos são restritos, vigiados e controlados. Paul Virilio fala que desta aparente desordem surge uma nova ordem, um novo conceito de sociedade. Uma relação de causa e efeito que nos permite diagnosticar o presente à luz do passado. Perspectivas para a formulação de um pensamento pós-moderno ou sociedade pós-industrial, conforme chama Giddens.

2.1 A crise do pensamento fundacional: o pós-moderno

Face a esse cenário, as mudanças e movimentos sociais ocorridos no final do século XX e início do século XXI, os avanços tecnológicos e a comunicação cada vez mais rápida e ágil são peças elementares para conferir outro perfil ao homem do século XXI. Os efeitos da sociedade globalizada e da sociedade do consumo são características notórias de uma ruptura. Trata-se, inclusive, de um contexto em que se exige menos trabalho a fim de baratear os custos de produção e, paradoxalmente, mais trabalho para aliviar a carga social da população inativa.

Este período atual caracterizado pela instabilidade e incredulidade em tudo é o que define a Pós-modernidade. Há uma descentralização dos discursos, relativizando as verdades. Nada mais é único e absoluto. “O pós-modernismo é resultado da fragmentação do mundo ocidental em virtude da cultura pluralista atualmente” (HUTCHEON, 1991, p.19-20). Surge em meio à fusão entre as culturas erudita e popular em ascensão à cultura de/para as massas, consequência de uma sociedade pós-industrial, de capitalismo recente, em diálogo irônico com o passado entre arte e sociedade. Se o período pré-industrial foi marcadamente agrário, o período industrial, manufatureiro; o momento pós-industrial é caracterizado pela prestação de serviços, cultura do consumo e o *boom* de informação. “O cenário pós-moderno é marcadamente cibernético, informático e informacional” (LYOTARD, 2013, p.20). Neste contexto de imediatismo e descartabilidade das coisas, o sujeito contemporâneo sente-se cindido, logo, não parece versentido nas relações nem interesses duradouros. Tudo é para já.

Lyotard (2013) define o pós-modernismo como o rompimento com qualquer estrutura, ou seja, fim das narrativas-mestras, metadiscurso ou metanarrativas. Segundo o filósofo, a busca por novos enquadramentos teóricos enfraqueceu o que ele denomina de ‘*metadiscurso filosófico-metafísico*’, uma perda da fé nesse impulso centralizador e totalizante do pensamento humanista, por exemplo, o discurso universal divino se deslegitima. O homem se reconhece autor de sua própria história, “cada qual é entregue a si mesmo. Desta decomposição dos grandes relatos segue-se o que alguns analisam como a dissolução do vínculo social e a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais” (LYOTARD, 2013, p.28). Assim, “quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma (...) a homogeneização cultural também revela suas rachaduras” (HUTCHEON, 1991, p.86).

Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira

Com o fim das metanarrativas, “os textos canônicos ocidentais devem ser digeridos e não regurgitados” (HUTCHEON, 1991, p.95). O romance literário se desloca com facilidade para o cinema e diálogos com outras artes como a pintura, a fotografia, a música, a arquitetura, de modo que “as fronteiras entre os gêneros literários se tornem fluidos, favorecendo a intertextualidade e o dialogismo entre os gêneros” (HUTCHEON, 1991, p.26).

Ainda conforme Hutcheon (1991, p.25) a década de 60 é ponto de partida para a formação ideológica de muitos pensadores pós-modernistas dos anos 80. Os acontecimentos europeus e norte-americanos da segunda metade do século XX forneceram o *background* para o pós-moderno, ou seja, um conceito diferente sobre a possível função da arte, construindo novas maneiras ocidentais de pensar. A partir desta perspectiva descentralizada, “o marginal e o *ex-cêntrico* – seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia – assumem nova importância na nossa cultura que não é homogênea nem masculina, nem de classe média, heterossexual, branca e nem essencialmente ocidental” (HUTCHEON, 1991, p.28), em que se valorizam o local e o global, com vistas à supracitada ‘Aldeia global’, conforme concepção de Marshall McLuhan. A linguagem nivela os semelhantes.

Neste jogo de linguagem do qual fala Lyotard, o pós-modernismo propõe um diálogo entre a “cultura do presente e a história do passado” (HUTCHEON, 1991, p.62). A estética pós-moderna nos faz voltar ao passado a fim de verificar o que tem de valor nessa experiência remota, se é que ali existe mesmo algo de valor. Entre idas e vindas, o passado e o presente são julgados um à luz do outro. A pós-modernidade reinsere contextos históricos, problematizando-os e (re)significando-os. O movimento Presente/Passado/Presente está conduzido pela sátira, digo, pela paródia. Graças a este recurso linguístico é possível à arte estética pós-moderna e ao leitor/autor contemporâneo se apropriar dos discursos canônicos, fechados, elitizados, restritos não mais intocados. Portanto, gêneros literários menores ganham representatividade.

A crônica literária, por exemplo, acompanha as mudanças da era moderna capitalista, inserindo-se no contexto da sociedade contemporânea com as peculiaridades da ficção pós-moderna como fragmentação, velocidade e intensidade. O texto leve, curto, descontraído e irônico da crônica é reflexo de uma sociedade na qual é visível a sensação de despedaço e vazio existencial. Um contexto social cujos interesses coletivos foram substituídos pelas preocupações individuais. Além disso, na vida contemporânea o leitor dispõe de pouco tempo para se informar, se entreter ou se manter em contato com a arte. A crônica, por ser tratar de um texto curto e falar dos problemas

cotidianos do homem atual, atende a esta demanda. O fragmento também se torna necessário na literatura para que ela possa ser lida. A brevidade da crônica tem esse poder, já que o leitor não precisa disponibilizar muito tempo para a leitura. Tempo este que ele não dispõe.

3 ENTRE NARRATIVA E METANARRATIVA

As narrativas são constituídas de enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Cinco elementos que, em uma mesma publicação, dão sentidos ao texto literário. Entre os gêneros literários, o romance, por exemplo, reúne uma série de conflitos entre tempo e espaços mais dilatados. A novela, narrativa mais curta, apresenta-se em menor proporção. O conto, narrativa mais curta ainda, condensa conflito, tempo, espaço sob quantidade de personagens reduzidos. Por fim, a crônica, gênero literário híbrido porque desenvolve através da linguagem simbólica a percepção criativa do cotidiano, ou seja, uma ficção e não-ficção, abordando o real por meio da linguagem literária. Relata a vida de forma leve, com breve comunicação, construída sob períodos curtos (GANCHO, 2006).

Todorov (2006) avalia o conteúdo de uma narrativa através da forma em que ela se apresenta, de modo que as análises procedem do exterior para o interior da obra. Parte-se da forma para avançar pouco a pouco em direção de sua significação. Segundo ele, a obra literária não existe nunca fora do gênero. As obras têm valores conforme o gênero textual em que se insere. Ao olhar as narrativas de modo estrutural, Todorov pretende atualizá-las à luz da linguística contemporânea.

Roland Barthes em *Análise estrutural da narrativa* (1972) entende a narrativa diante de seu conteúdo, ou seja, na relação entre os signos que compõe, independente da estrutura em que se apresenta. Assim, as unidades narrativas estão condicionadas ao caráter funcional dos segmentos. Em uma visão semiótica, propõe associação entre ícone/índice/símbolo. Os fios da história estão entrelaçados sob esse percurso de análise

A concepção de narrativa perpassa em Benedito Nunes pelas considerações na relação entre tempo e espaço, sobre as temporalidades possíveis:

[...] marcas temporais entre físico/cronológico, psicológico, sociológico, histórico, litúrgico, político, e o tempo linguístico relacionado aos tempos verbais. A ideia de tempo é conceitualmente múltipla, pois, o tempo é plural em vez de singular. Entretanto, tais modalidades podem ocorrer suscetivelmente ou simultaneamente, em duração e direção específicas. [...] Desse modo, o tempo não é apresentado senão através dos acontecimentos e suas relações, exceto quando ocorrem assinalando momentos

ou fases e expressões temporais. [...] O tempo da ficção liga entre si, momento que o tempo real separa. Na narrativa, a ordem temporal e a ordem causal se distinguem, mas dificilmente se dissociam. [...] O tempo físico/cronológico, por exemplo, é preciso, ao passo que o tempo psicológico se compõe de momentos imprecisos sendo rememorados acontecimentos independentemente do tempo histórico; passado e presente se interceptam (NUNES, 2000, p.19-23).

Uma narrativa pós-moderna reúne esta pluralidade temporal como resgate ao passado para reinserir o indivíduo no tempo presente. A temporalidade textual favorece momentos de idas e vindas do leitor na história por meio da ficção, a que Linda Hutcheon (1991) chama de “*metaficção historiográfica*”. Assim, em apenas uma narrativa contemporânea se percebe o tempo psicológico, cronológico, histórico, sociológico, linguístico-verbal através dos interdiscursos que atravessam o texto. Este trabalho se detém à crônica literária como corpus às reflexões pós-modernas. Embora se trate de uma narrativa curta, uma crônica pode reunir em si diferentes tipos de tempos.

Outro aspecto a ser considerado é o caráter híbrido conferido à crônica literária. Tal característica decorre de sua formação alicerçada nos gêneros poema e conto; do uso de um mesmo vocábulo empregado tanto no sentido denotativo quanto conativo, produzindo efeitos de sentido distintos; e, na constante utilização de figuras de pensamento, por exemplo, a metáfora, a metonímia, a ironia, antífrase, antítese, paradoxo, alegoria e sinestesias. Recursos que garantem à crônica literária seu status de literariedade.

Se Linda Hutcheon afirma que com o fim das metanarrativas os textos canônicos se descentralizam, permitindo espaço para releituras dos mesmos, de modo irônico, parodiando-os, então, percebe-se abertura para a aceitação igualitária de gêneros historicamente considerados menores, como a crônica literária, por exemplo. A crônica ‘nasce’ no jornal impresso o que faz dela caráter efêmero, já que o jornal é diário e aborda temas contemporâneos. Características que se adequam ao leitor contemporâneo que necessita estar informado em pouco tempo. A poética pós-moderna propõe o fim das grandes narrativas, logo, percebe-se que se encaixa neste cenário uma leitura fragmentada.

3.1 Lyotard e o fim das metanarrativas

Como podemos perceber, a sociedade pós-moderna designa as transformações que afetam o discurso técnico-científico, a literatura e as artes a partir do final do século XIX. Neste contexto,

a função narrativa perde seus atores sociais e os grandes heróis, esfacelam-se também os grandes objetivos pré-determinados. Vivemos a época do desencantamento de tudo.

Contribuiu para este cenário a constituição de empresas multinacionais, permitindo novas formas de circulação de capitais e reabertura do mercado mundial e a retomada de uma competição econômica ativa, descentralizando o mercado capitalista norte-americano. “Somando-se a tais acontecimentos, a queda do socialismo em diferentes países e a permissão ao mercado chinês às trocas comerciais que configurou um novo retrato geopolítico, econômico e cultural global” (LYOTARD, 2013, p.6). Diante da ascensão capitalista, o saber, o conhecimento é produzido para ser vendido. A ciência deixa de ser para si mesmo seu próprio fim. Percebemos universidades associadas aos institutos e laboratórios empresarial, além disso, as pesquisas são financiadas. Tudo é mercadoria de troca, “mercadoria informacional (...) mercantilização do saber” (LYOTARD, 2013, p.5). Para o filósofo Lyotard, “há um redesdobramento econômico na fase atual do capitalismo, em virtude da mutação das técnicas e tecnologias, refletindo também na mudança de função dos Estados” (LYOTARD, 2013, p.27):

Mesmo quando suas regras mudam e inovações se produzem, mesmo quando suas disfunções, como as greves, as crises, o desemprego ou as revoluções políticas podem fazer acreditar numa alternativa e levantar esperanças (...) as sociedades industriais estão mais desenvolvidas para que se tornem competitivas, no contexto de retomada da guerra econômica mundial a partir dos anos 60 (LYOTARD, 2013, p.21).

Desse modo, o pensamento de Jean-François Lyotard (2013) é expresso pela *deslegitimação* dos dispositivos modernos, ou seja, a medida em que a sociedade se condiciona aos avanços tecnológicos e informacionais, o sujeito também muda sua postura. Lyotard diz que “a legitimação é o processo pelo qual um ‘legislador’ ao tratar do discurso científico é autorizado a prescrever as condições estabelecidas” (LYOTARD, 2013, p.13), logo, vemos que na pós-modernidade estes discursos legitimadores são ineficazes. O sujeito fragmentado perde seus dispositivos de legitimação e assume identidades específicas conforme contexto, mediante a ineficácia dos “discursos autorizados que se deslegitimam no contexto pós-moderno” (LYOTARD, 2013, p.31):

[...] a noção de ordem/desordem é revisitada diante da mediação entre tempo/espço. As delimitações clássicas dos campos científicos entram em crise, se desordenam. [...] Se a revolução industrial nos mostrou que sem riqueza não se tem tecnologia ou mesmo ciência, a condição pós-moderna nos vem mostrando que sem saber científico e técnico não se tem riqueza. [...] A “mercadoria” no contexto pós-moderno agora é informacional, dar-se em função da quantidade de informação técnico-científico que as universidades e centros de pesquisa forem capazes de produzir, estocar e fazer

circular. [...] O importante agora não é afirmar a verdade, mas sim localizar o erro no sentido de aumentar a eficácia, ou melhor, a potência. [...] O contexto pós-moderno tende a eliminar as diferenças epistemológicas significativas entre os procedimentos científicos e políticos (LYOTARD, 2013, p.11-15).

Nas artes e cultura de modo geral, esse processo de deslegitimação é percebido pela massificação da reprodutibilidade técnica dos meios, tese defendida pelo teórico alemão Walter Benjamin. Lyotard (2013) o cita para se referir ao cenário de informatização da sociedade na qual nada tem a pretensão de ser original. “Não se vê outra orientação mediante as tecnologias contemporâneas” (LYOTARD, p.11), tudo o que for produzido tem intenção mercadológica, conforme fomento do capitalismo vigente.

O século XX foi o período das descobertas, mas também foi o tempo de desacreditar nestas certezas. E a arte foi o canal para manifestar tais inconformidades. A literatura sofre reflexos quanto sua estrutura poética, por exemplo, os poemas começam sem linearidade e terminam sem desfecho, “a forma narrativa, diferentemente das formas desenvolvidas dos discursos de saber, admite nela mesma uma pluralidade de jogos de linguagem [...] o narrador não pretende manifestar sua competência em contar a história, mas apenas pelo fato dela ter sido um ouvinte” (LYOTARD, 2013, p.38-39).

Romances, contos, novelas, ensaios e crônicas mostram o indivíduo em suas múltiplas identidades, conforme sujeito pós-moderno descrito por Hall (2006), resultado de uma sociedade fragmentada. Tais gêneros textuais rompem com estereótipos seculares impostos aos negros, aos índios, às mulheres, à população LGBT e nacionalidades latino-americanas, bem como africanas. A propósito, “pequenos fragmentos de relatos possíveis, ou matrizes de relatos antigos e que continuam em certos patamares sociais contemporâneos, reconhecem na prosódica a marca desta bizarra temporalização” (LYOTARD, 2013, p.40), ou seja, as narrativas atuais ganham traços de paródia e comicidade, permitindo rir de um tempo passado, nada nostálgico.

4 A CRÔNICA LITERÁRIA NA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

A crônica literária parece ser o gênero adequado ao homem contemporâneo, sobretudo, em virtude do caráter despretensioso da linguagem que se aproxima da conversa e da vida cotidiana do leitor. Seu significado *chronos* implica a noção de tempo, ou seja, faz jus aos sentidos a que se propõe: abordar temas comuns e diários referentes ao homem moderno. Apesar de ser o gênero inaugural da literatura brasileira, é somente na segunda metade do século XIX, com Machado de Assis, que ganha notoriedade ao circular pelos jornais e tratar temas simples de forma criativa e poética (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2001).

A crônica é o tipo de escrita que se encaixa no modo de vida da sociedade mediada pela cultura da informação e informatização, e consumo pelo consumo numa perspectiva de efemeridade das coisas. Contexto em que todas relações perecem. De fato, a crônica é ela própria um fato moderno que “se submete ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como estas se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2001, p.53).

A linguagem implícita da crônica denuncia o drama entre sociedade de consumo e milhares de pobres e miseráveis que são diariamente seduzidos pelo poder de compra e padrões de vida surreais. Mostram exemplos de como a crônica pode dizer as coisas mais sérias em um jogo de vai-e-volta no texto que parece, a princípio, um bate-papo com o leitor. A crônica brasileira é irônica, lírica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo (CANDIDO, 1992).

A crônica adquire características do texto literário pela força poética e humor quando “retoma ao passado para ironizar o presente” (HUTCHEON, 1991, p.165), postura do leitor/escritor na arte poética pós-moderna. Na busca pelo pitoresco, o cronista capta o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade. Através de diálogos engraçados, irônicos, sem agressividade cuja característica básica é a leveza, mas sempre com visão crítica da realidade. “Pelo texto literário da crônica é possível rir como escape dos problemas que o homem moderno não vê solução. Rimos porque é inútil chorar” (SÁ, 1985, p.23-24). Ludicamente, o cronista percorre a cidade, ouve conversas, recolhe frases interessantes, observa as pessoas, registra situações, tudo através do olhar de quem brinca e, pelo jogo da brincadeira, reúne forças para superar a realidade sufocante (SÁ, 1985, p.45). Logo, tal gênero supõe uma sociedade para qual importa a experiência progressiva do tempo no qual retornamos ao passado, aos fatos históricos, para entender onde estamos, para aonde vamos e o que estamos fazendo de nossas vidas.

Embora não haja a densidade do conto, talvez o julgamento crítico de que a crônica seja classificada como gênero menor se dê pela liberdade de escrita do cronista que escreve de maneira mais solta, dando a impressão que pretende apenas ficar na superfície de seus comentários ao registrar o momento circunstancial. Antônio Candido, no Ensaio *A vida ao rés-do chão* (1992) defende essa categoria a qual se insere a crônica, pois, por meio dos assuntos, da composição

solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia, assim, está próxima de nós. A crônica fala de modo natural. Nesse ritmo, a crônica nos ensina a convivermos intimamente com a palavra, ou melhor, com o jogo de palavras. É certo que a crônica possui essa transitoriedade ao dirigir-se aos leitores apressados que pouco e mal leem em seus raros intervalos da luta diária. Por este motivo, a crônica vem a ser um dos recursos para manter viva a literatura nos tempos pós-modernos, tempos incertos, obscuros.

Sá (1985) enfatiza que a linguagem coloquial característica da crônica perde a banalidade de uma frase ouvida na rua e se transforma em matéria-prima de um diálogo entre o cronista e o leitor, de modo que, “o dialogismo equilibra o coloquial e o literário, permitido que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada circunstância” (SÁ, 1985, p.11). Um pequeno acontecimento do dia-a-dia poderia passar despercebido devido sua insignificância, porém, com toques de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo – que também faz parte da condição humana – transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias ao focar o lado circunstancial da vida, parte (senão o todo) de nós mesmos (SÁ, 1985).

A crônica de Fernando Sabino, por exemplo, procura ensinar aos leitores que a vida diária se torna mais digna de ser vivida quando a convivência com outras pessoas nos leva a olhar para dentro de nós mesmos. O que está em questão é a essência humana reencontrada que nos chega através de um texto bem elaborado, artisticamente recriando um momento belo da nossa vulgaridade diária.

O cronista não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando extrair sua essência. É o que vimos nas crônicas de Paulo Mendes Campos cuja prosa encontra a poesia em sua busca frenética pelo instante precioso, pela frase iluminadora e pela cena que define o supremo (des)amor pela vida, bem como ódio ao tédio, situações características do homem moderno que podemos encontrar na coletânea de crônicas em *O amor acaba: crônicas líricas e existenciais* (2013), por exemplo. O referido “cronista poeta sabe disso, motivo pelo qual ele usa palavras para construir o seu mundo, mas o que ele passa ao leitor não está nas palavras em si, está no que elas significam e no que elas possuem” (SÁ, 1985, p.47).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o contexto pós-moderno se situa em um cenário de transformações sociais e fragmentação de tudo, entre sujeito e discursos. Para o termo “pós-moderno” temos as significações relacionadas às mudanças de estilo quanto à arte poética, enquanto as concepções para “pós-modernidade” apontam às transformações sociais no tocante aos discursos institucionais reguladores que, agora, passam ao status de esfacelamento.

Lyotard define o pós-moderno mediante ao enfraquecimento dos metarrelatos, narrativas-mestras, metadiscursos ou metanarrativas que ao longo do século XX, principalmente, norteou a História ocidental. De fato, segundo ele, a busca por novos enquadramentos teóricos contribuiu para a perda da credulidade no discurso metafísico centralizador e totalizante do pensamento humanista, de modo que o homem se reconhece autor de sua própria história. Acrescentamos a esse quadro o caráter múltiplo dos sujeitos, mediante a diversidade de culturas e identidades, configurados pela sociedade informacional, cibernética e consumista.

Se Linda Hutcheon afirma que com o fim das metanarrativas os textos canônicos se descentralizam, permitindo espaço para releituras dos mesmos, de modo irônico, parodiando-os, então, percebe-se abertura para a aceitação igualitária de gêneros historicamente considerados menores, como a crônica literária, por exemplo. A crônica ‘nasce’ no jornal impresso o que faz dela caráter efêmero, já que o jornal é diário e aborda temas contemporâneos. Características que se adequam ao leitor contemporâneo que necessita estar informado em pouco tempo. A poética pós-moderna propõe o fim das grandes narrativas, logo, percebe-se que se encaixa neste cenário uma leitura fragmentada.

Neste jogo de linguagem do qual fala Lyotard, a estética pós-moderna nos faz voltar ao passado a fim de verificar o que tem de valor nessa experiência remota, se é que ali existe mesmo algo de valor. O movimento Presente/Passado/Presente está conduzido pela sátira, digo, pela paródia. Recurso estilístico que permite à arte estética pós-moderna e ao leitor/autor contemporâneo se apropriar dos discursos canônicos, fechados, elitizados, restritos não mais intocados. Assim, gêneros literários menores ganham representatividade. A propósito, “pequenos fragmentos de relatos possíveis, ou matrizes de relatos antigos e que continuam em certos patamares sociais contemporâneos, reconhecem na prosódica a marca desta bizarra temporalização” (LYOTARD, 2013, p.40), ou seja, as narrativas atuais ganham traços de paródia e comicidade, permitindo rir de um tempo passado, nada nostálgico.

Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira

A crônica literária se insere no contexto da sociedade pós-moderna devido suas peculiaridades ficcionais. O texto leve, curto, descontraído e irônico da crônica é reflexo de uma sociedade na qual é visível a sensação de despedaço e vazio existencial, cujos interesses coletivos foram substituídos pelas preocupações individuais. Além disso, na vida contemporânea o leitor dispõe de pouco tempo para se informar, se entreter ou se manter em contato com a arte. A crônica, por ser tratar de um texto curto e falar dos problemas cotidianos do homem atual, atende a esta demanda. O fragmento também se torna necessário na literatura para que ela possa ser lida. A brevidade da crônica tem esse poder, já que o leitor não precisa disponibilizar muito tempo para a leitura. Tempo este que ele não dispõe.

Os motivos supracitados fazem-nos pensar a especificidade deste gênero literário no contexto da crise das metanarrativas pós-modernas, tendo em vista as percepções que temos de tempo, conforme citado em Benedito Nunes, e mediante velocidade dos meios de comunicação de massa e avanços nos recursos eletrônicos que refletem em nosso ritmo corriqueiro. Além disso, a crônica literária permite-nos conhecer, diariamente, a sociedade contemporânea em questões fundamentais relativas à condição humana.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.51-66.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, SP: Ática, 2006.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, SP: UNESP, 1991. p.11-60.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. O século: vista aérea. In: **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.11-26.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira

NUNES, Benedito. Do tempo real ao tempo imaginário. In: **O tempo na narrativa**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000. p.16-26.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.17-27.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. (1992). Disponível em: <<https://avidaaoresdochao.wordpress.com/versao-integral/>> Acesso: 26 Jun/2016.